

ENTREVISTA: LUIS SEPÚLVEDA

Escritor

É a quarta fábula que o autor chileno escreve, desta vez inspirado pela história de uma criança que era leal ao seu cão. Um relato sobre a perda e o reencontro, localizado entre a população mapuche. Com ilustrações de Paulo Galindro

“O livro nasce disto: se um menino índio tem um pastor-alemão é porque roubou o cão”

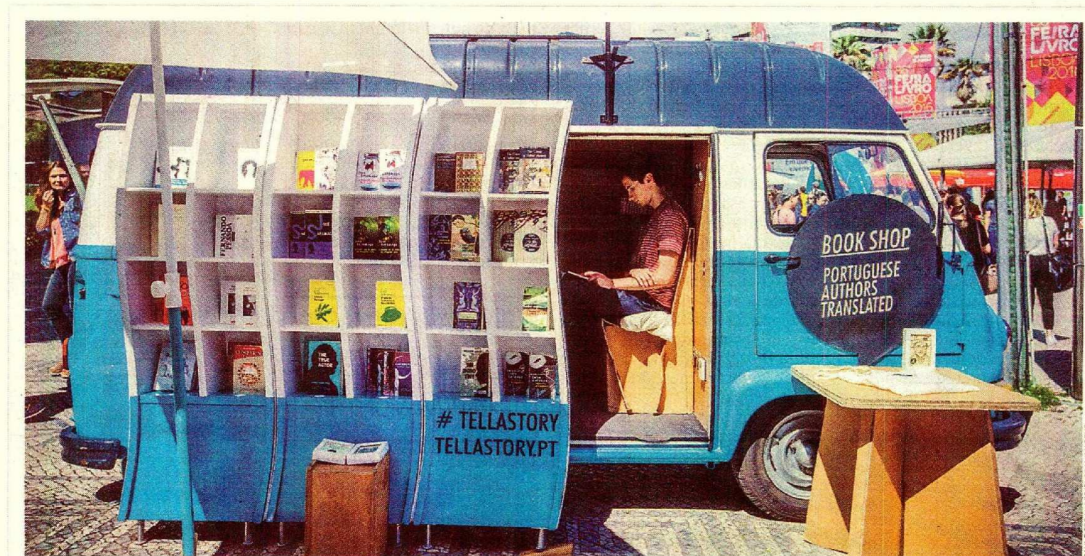
JOÃO CÉU E SILVA

Esta fábula é pagamento de uma promessa aos seus avós ou um regresso às memórias de infância? É um pouco das duas situações mas é, principalmente, o pagamento de uma dívida a uma criança mapuche que conheci em 2010, aquando do terramoto que abalou o Chile. Foi um tremor terrível que destruiu meio milhão de casas na região onde vivem os mapuches, daí que nos tenhamos organizado para reconstruir uma escola. Enquanto recuperávamos o edifício com ajuda da comunidade, vi um menino de 8 anos muito triste. O que era algo muito estranho pois na cultura mapuche o trabalho é coletivo e torna-se uma festa alegre. Uma criança naquele estado, mesmo que as réplicas fizessem a terra tremer a cada meia hora, fez que me aproximasse dele e perguntasse o que se passava. Contou-me que dias antes a polícia ficara-lhe com o seu cão. **Porquê?**

A justificação era de que um cão de raça como aquele só poderia ser roubado. Tiveram um pensamento racista: um menino índio e um pastor-alemão era igual a um cão roubado. Nunca poderia ser dele! Esse era o motivo da sua tristeza. Disse-lhe que como ele era leal ao cão, acreditava que o cão se apercebera disso e que um dia regressaria. Não era grande consolo, mas saí dali com a certeza que tinha de escrever esta história, com o final que lhe tinha dito: de um reencontro. E assim nasceu esta história. **O tema do livro é a relação do homem com a natureza. Isso ainda entusiasma o leitor atual?**

Até onde conheço os meus leitores, sei que sentem atração por histórias que descrevam o ambiente da natureza e o mundo animal. Mas o livro é uma fábula. Esta é a quarta que escrevo, porque sempre me interessei por este género literário. **Foi fácil ser um narrador cão?** Não, tive de investigar bastante para perceber o comportamento dos cães. Como vê, o que vê, qual o espectro cromático que distingue. Só assim a narrativa seria credível. Li muito sobre biologia canina para entender também o mecanismo de percepção olfativa dos cães. **Como a capacidade de cheirar o medo nos homens?**

Exato, mesmo que essa se verifique inconscientemente em todos os



Livros para estrangeiros na Feira do Parque Eduardo VII

TRADUÇÕES A carrinha transformada em livraria não passa despercebida a ninguém no recinto da Feira do Livro de Lisboa, mas são os turistas quem mais a procura, pois na estante estão várias obras representativas da nossa literatura em várias línguas. Quem quiser ler “clássicos” como

Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Miguel Torga e José Saramago tem muitos títulos. António Lobo Antunes também é só escolher. Mas não faltam títulos da nova geração: vários de Gonçalo M. Tavares, José Luís Peixoto e Jacinto Lucas Pires. Ou de Teolinda Gersão.

seres vivos. A atração entre um homem e uma mulher, mais do que o lado visual da beleza, deve-se às hormonas e feromonas que captam. A atração é sensorial e o mesmo acontece no mundo animal. **A grande investigação foi, então, sobre o mundo animal?**



“Li muito sobre biologia canina”, diz Sepúlveda, para entender a percepção do seu narrador

Sobre o mundo animal e também com um estudo antropológico sobre o mundo mapuche. Queria saber mais, apesar de que como era um livro para todos os leitores fosse necessário transformar a informação científica em literatura. Havia que resumir o conhecimento de várias páginas só em três linhas.

Nota-se uma defesa dos mapuches. São uma cultura ameaçada? Sim, é uma realidade cruel porque todas as culturas originárias do continente americano estão ameaçadas. Mas o mesmo se passa na Europa, como o extermínio que os habitantes da Lapónia sofrem por parte dos suecos, finlandeses e noruegueses. No Chile, passa-se o mesmo. Só se mantêm vivos porque são um povo muito resistente.

O género da fábula é que mais o tem ocupado nos últimos anos de escrita. Porquê? É um género de que gosto muito... **Deve-se à situação política complexa na América Latina, que não lhe inspira novos romances?**

O próximo livro terá uma carga política muito forte porque conta, literariamente, a enorme complexidade que existe entre a ditadura chilena e os atuais governantes para que nada mude. Como não se pode escrever tudo ao mesmo tempo, faz-se uma coisa de cada vez. **Gostou do trabalho de ilustração?**

As ilustrações do livro são muito boas e não se repetem. É o terceiro livro em colaboração com Paulo Galindro, em que complementa o texto como poucos sabem fazer. **Foi reeditado recentemente o seu Mundo do Fim do Mundo. Uma evocação da juventude?**

Gosto de funcionar com a memória e a intenção foi homenagear o

Greenpeace, que defende a vida na Terra. Também tem uma forte presença do *Moby Dick* porque o romance de Melville mostra o que a baleia representa: a luta do capitão Ahab contra o seu puritanismo religioso que o impede de ser livre.

AUTÓGRAFOS NA FEIRA



Dorothy Koomson
Stand Porto Editora
15.30

João Tordo, Richard Zimler, J. E. Agualusa, Luísa Ducla Soares, Luísa Castel-Branco
A partir das 15.30
Moita Flores e João Felgar
17.00

Em vários stands da Feira do Livro



História de Um Cão
Chamado Leal

Luis Sepúlveda
Porto Editora
PVP: 11,97 euros na feira; 13,3 normal